

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

# A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2298

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEGUNDA FEIRA, 31 DE MAIO DE 1926

## A CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO toma a sua posição em face dos últimos acontecimentos insurreccionais na seguinte nota officiosa

A Confederação Geral do Trabalho Portuguesa cumpre um dever neste momento vindo a público fazer francas e categóricas declarações, no intuito de marcar uma posição em face dos actuais acontecimentos.

Desde sempre a acção da Confederação Geral do Trabalho foi estranha a quaisquer movimentos de ordem política, qualquer que seja o partido ou facção que nos mesmos esteja envolvida.

Fiel ao espírito das suas bases orgânicas, como expressão dos organismos que a constituem; fiel às aspirações e interesses do proletariado português consignados nas resoluções dos seus congressos nacionais; fiel ao espírito da luta de classes sociais, essencialmente anti-autoritário, profundamente libertário e emancipador; e tendo em atenção a obra opressiva de todos os governos do Estado, como mandatários que são do capitalismo—a Confederação Geral do Trabalho não podia estar neutra em face do governo que acaba de ser forçado a demitir-se e por isso o combateu.

Mas, pelas supracitadas razões, a C. G. T. tampouco podia colocar-se ao lado, colaborar, directa ou indirectamente, com as forças políticas que lhes eram adversas, e, consequentemente não poderia intervir na acção que determinou a sua queda.

Se outras razões não existissem para manter firmemente esta atitude, o facto de se vir insistentemente anunciando a eclosão dum movimento nacionalista de carácter reaccionário e militarista, qualquer coisa parecida com o «fascismo», e a circunstância deste movimento ser inicialmente militar bastariam para determinar no proletariado uma posição de desconfiança e portanto de defesa.

Certas circunstâncias, de resto, justificam esta atitude. O número 1.º do Programa Revolucionário anuncia uma remodelação na Constituição da República.

Não diz, porém, em que sentido sera feita essa remodelação.

Por detrás dessa remodelação não estará um cerceamento de liberdades, colectivas e individuais?

Sendo essencialmente estranhos às ficções democráticas de qualquer constituição política, porque se regem os Estados, nós consideramos, entretanto, que uma Constituição bem poderá consubstanciar a soma de conquistas liberais e democráticas dos povos que as aceitam.

Considere-se ainda que o funcionamento regular e insustentável duma Constituição francamente democrática consiste na sua interpretação, animada dum franco espírito racional, humano e progressivo, por parte dos elementos que as circunstâncias do presente momento histórico colocam na direcção colectiva dos povos.

A C. G. T., organismo essencialmente de luta económica, não pode, entretanto, ser estranha a esta questão. Considera que a questão social não se baseia apenas na luta pela conquista de mais pão, no lato sentido da palavra; mas, muito particularmente na luta pela conquista da liberdade.

**Pão e Liberdade**—eis o lema da Confederação Geral do Trabalho.

Quaisquer que sejam as medidas do novo governo no sentido de cercar direitos ou liberdades adquiridas, serão como, rejeitadas pela C. G. T., porque vêm ferir em pleno peito o proletariado, que, dentro ou à margem da luta de classes sociais, tem vertido o seu sangue para as conquistas.

A C. G. T. não esconde a sua preocupação quanto a diferentes declarações feitas por caudilhos do actual movimento, declarações que, se não estão consignadas no manifesto-programa: *Pela Pátria e pela República*.

pública da Junta Revolucionária, revelam claramente o pensamento que animará aquela acção no mesmo manifesto enunciada.

São transparentes as declarações do general sr. Gomes da Costa quanto às reformas sociais para o proletariado, quando repele o que classifica de «retórica dos comícios». Nós vemos por detrás de tais palavras o cerceamento da liberdade de reunião e de expressão do pensamento pela palavra e uma habilidade tendente a uma colaboração de classes, desmoralizadora e destinada a amortecer as energias vitais do proletariado animado de espírito revolucionário.

E, numa espécie de complemento daquela acção retrogradante, a promessa de assegurar a personalidade jurídica da Igreja e o ensino religioso nas escolas particulares, é também sintomática.

O sentido em que serão executadas as medidas constantes do número 6.º do programa revolucionário quanto à «reforma e sistematização dos métodos de ensino e educação», está claramente posta naquelas declarações.

E assim verifica-se que, depois da sempre crescente liberdade que ao clero tem sido dada para as suas manifestações religiosas públicas; depois da liberdade que ao mesmo tem sido dada para o exercício do catecismo, dentro e fora da Igreja, a liberdade do ensino religioso e o reconhecimento jurídico da Igreja, constituem o resto das armas de que esta carece para completar a obra de embrutecimento e escravização do povo.

Do exposto pode concluir-se qual será o futuro que está reservado ao povo, e particularmente ao proletariado, no caso de, com o triunfo das forças militares, vingarem aqueles objectivos.

Com um governo ditatorial militar ou com um governo nacionalista animado de pensamentos conser-

vadores e retrogrados, a perspectiva que se apresenta é de molde a colocar na posição de alerta as forças do proletariado organizado e que conscientemente pretende caminhar por uma senda emancipadora e progressiva.

A C. G. T., enquanto os factos não demonstrarem claramente o erro desta previsão, declara que, aceitando violentada a imposição dum governo ditatorial, militarista ou civil, com tais predisposições, estará em franca oposição ao mesmo e contra ele lutar com todos os meios de que possa dispor.

A C. G. T., colocando por este meio o proletariado de sobre-aviso, exorta o mesmo a conservar-se atento, prevenindo-se para a eventualidade dum assistência mais activa na defesa da liberdade em todas as suas manifestações, liberdade mais do que nunca ameaçada sob o pretexto da salvação nacional.

O «riverismo» na Espanha e o «fascismo» na Itália e noutros países; as truculências, vexames e perseguições que os governos representativos daquelas modalidades ditatoriais têm determinado, o sangue que têm feito correr, as vítimas que têm causado, são outros tantos motivos, e todos de sobra, para uma prevenção rigorosa do proletariado contra a eventualidade dum governo animado do mesmo pensamento e da mesma vontade.

E se os partidos chamados da «esquerda política» têm motivos para se defenderem dentro dos princípios democráticos, mais fortes motivos tem o proletariado, por isso que, sendo mais humanas as suas aspirações e mais racional, mais profunda e livre a sua acção, maior será a reacção das forças conservadoras contra si.

Alerta, pois, trabalhadores!  
Abaixo a ditadura!  
Viva a Liberdade!  
Lisboa, 30 de Maio de 1926.

A. C. G. T.

**Não fazemos fretes aos partidos derrotados! Não intervimos na luta entre eles e os militares! Não consentimos que, a pretexto de se esmagar o partido democrático, nos esmaguem a nós!**

A atitude da Confederação Geral do Trabalho, traçada de há muito pela *Batalha*, seu órgão na imprensa, mantém-se hoje, enquanto os factos não determinarem mudança da sua directriz.

A nota officiosa que no presente número se publica não pode ser mais clara. Escreviamos no nosso número de sábado, e o que escrevemos tem ainda mesma actualidade.

«E esta atenção, (atenção do proletariado para os acontecimentos) ou melhor esta prevenção contra qualquer cilada não deve ser platónica. Se os que veem, os que querem alcançar o poder, se limitarem a ajustar as suas conchas com o partido democrático, nós continuaremos como até agora a assistir ao espectáculo; se, porém, qualquer das escassas e justas liberdades que o povo trabalhador goza for ameaçada—interviremos. Mas a nossa intervenção será ainda de carácter operário, sem intuídos políticos. É para a defesa dessas liberdades e regalias que o proletariado de todo o país, nesta hora de expectativa, deve estar preparado e atento. E nada mais...»

O proletariado não quer deixar-se intrigar pelas manobras dos partidos políticos. Estes, que nunca se preocuparam a sério com as regalias justas reivindicadas pelo operariado, não tem o direito de nos pretender lançar num confuso movimento que não tem outro objectivo senão restituir-lhes a gamela de lhes foi retirada.

Conservamo-nos afastados dos partidos políticos, que não nos merecem a menor confiança, como nos conservamos arredados do movi-

mento militar que não se sabe ainda a feição definitiva que tomará, dada a disparidade de tendências que entre os seus dirigentes se verifica.

Nunca, como neste momento, o proletariado deve estar atento, disposto a defender-se se porventura o atacarem. Mas também deve ter muito cuidado em não se confundir nos seus movimentos de defesa de classe, em harmonia com os seus princípios de luta de classes, com as zaragatas que os homens do partido democrático, despossuídos de boas postas, pretendam fazer para dar-se ares de terem um apoio que o proletariado nunca lhes dará.

Examinada a situação presente com a serenidade que nos dá o facto de não termos entrado na contenda, temos a impressão de que os militares triunfantes estão divididos em duas grandes tendências: uma, na qual se distingue o general Gomes da Costa, que pretende a todo o transe a formação dum governo rigidamente militar e intolerante, outra, a do comandante Mendes Cabeçadas, que deseja apenas arranjar o poder das mãos das clientelas políticas e governar com civis partidários.

O facto de existirem estas tendências indica que, apesar da derrota do partido democrático, a luta não terminou porquanto o vencedor não está unido nos mesmos pontos de vista.

As afirmações arrogantes do general Gomes da Costa, exteriorizando uma intolerância vexatória que, longe de atingir apenas o partido democrático, ofende o espírito liberal do povo português, são um dos mais pronúncios que justificam plena-

mente a atitude de alerta do proletariado organizado.

A ditadura que, a constituir-se como deseja Gomes da Costa, sabe-se que será exercida contra o operariado, não pode por este ser bem recebida. Sigamos, pois, os acontecimentos e vejamos o caminho que eles tomam não permitindo que a pretexto de aniquilarem o partido democrático nos aniquilem a nós.

Alerta, pois!

**Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa**

**Conselho geral**

**Reúne hoje, pelas 20 horas, para deliberar sobre a atitude a tomar pela Organização Operária local, em face do movimento político-revolucionário em trânsito, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados.**

**No Arsenal de Marinha não se trabalhou hoje**

Os operários que trabalham no Arsenal de Marinha sofreram hoje uma grande decepção quando chegaram àquele estabelecimento fabril: em todas as dependências havia tropas aquarteladas o que impedia que o operariado ocupasse os seus lugares de trabalho.

Por esse motivo os referidos operários tiveram que retirar-se e esperar que o Arsenal seja evacuado pelas tropas.

**Tropas do Alemtejo marcham sobre Lisboa para implantar uma ditadura fascista**

**Uma importante decisão do Comité Revolucionário dos Ferroviários do Sul e Sueste**

Informam-nos de fonte segura que as tropas de Vila Viçosa, Extremoz e Evora que, antes da queda do governo, não tinham assumido uma clara atitude de revolta estavam preparadas na madrugada de hoje para marchar sobre Lisboa a fim de impôr ao país uma ditadura militar.

Em face dessa ameaça inesperada, o Comité Revolucionário dos Ferroviários do Sul e Sueste resolveu enviar todos os esforços para evitar que as referidas tropas venham pela linha ferrea.

Conseguido esse objectivo, as tropas que pretendem marchar sobre Lisboa perderão, além dum grande meio de acção, a rapidez da sua marcha que seria a melhor e a mais valiosa das suas probabilidades de êxito.

**UNIAO ANARQUISTA PORTUGUESA**

Para assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

**Afinal, quem triunfou?**

Começam desenhando-se graves divergências entre os chefes do movimento militar, apesar de ainda se não ter consolidado o seu triunfo. Duas figuras estão sendo observadas pela opinião pública inquieta: são o comandante Cabeçadas e o general Gomes da Costa.

Procura-se saber qual será o carácter da nova situação, pois os factos não a definem com toda a clareza. Sente-se que não existe concordância entre os chefes triunfantes, pelas atitudes e pelas afirmações de cada um deles.

Os próprios conservadores, que acolheram o triunfo dos militares com hosannas, não podem simular a sua inquietação diante da polémica travada entre os dois principais chefes. O *Diário de Notícias*, por exemplo, ao manifestar as suas simpatias pelo movimento, diz o seguinte no seu editorial de hoje:

«Até agora, escrevemos. É necessário, porém,—mais do que necessário, indispensável—que a atitude se continue sem que por um instante se altere, para que não se estrague o que se fez. Um leve quebraimento na nobreza do seu porte e tudo estará perdido para dentro de casa e para fora de casa.»

E o mesmo jornal, que reflecte, em todas as circunstâncias, a opinião mais conservadora, diz, deixando escapar estas frases:

«Que o dia de amanhã não destrua o dia de ontem, que o desacórdio não se manifeste e a atitude não se desmanche, dando ao movimento um aspecto insperado e convulsivo, são os votos que trazem no coração todos os bens portugueses. A ordem está assegurada, porque foi a força militar, que serenamente e só com a sua presença a impôs. Não se entendendo, porém, os dirigentes, surgiria um desordem muito superior à que existia, sem recurso algum para a sua solução, por não haver outra força igual em valor que se lhe opusesse, fazendo-a cessar.»

Que quer isto dizer? O órgão conservador não é um jornal combativo, cujas frases sejam impressas ao acaso da polémica, mas um jornal que só manifesta opiniões ponderadas e, portanto, consequência de demorados raciocínios. As palavras que transcrevemos devem ter objectivo, e a nós só resta perguntar:

—A quem se dirigem? Não será difícil compreender num outro período do mesmo artigo, redigido nos seguintes termos:

«A frente do movimento tomaram vo-

mes da Costa e o sr. comandante Cabeçadas—nomes aureolados por um prestígio de valor pessoal e de dedicação à República. A sua acção conjunta, indissolúvel como se partisse de uma só cabeça e de um só braço pode ser útilíssima à Pátria; o mínimo desencontro, perceptível à vista desarmada, pode ser para a Pátria um desastre tremendo. Esta é a situação crítica, a sua pureza, livre do mais hábil sofisma. Estes dois homens, indo buscar, aonde que estejam dentro do regime, capacidades reconhecidas e da mais inconcussa probidade, para que os auxilium na complexa administração pública, reforço de simpatias o ambiente que se formou em seu redor e prestarem certamente um alto serviço nacional. Nem desacórdio, nem variação de feição—uma mais perfeita harmonia e uma escolha acertada de colaboração, sem exclusivismo de classes e sem propósitos de agravos.»

Como a justificar esta inquietação do órgão conservador, faz-se, uma forte concentração de tropas em Lisboa, dizendo-se que o seu efectivo irá até ao número de 10.000 homens. A população inquirida dos motivos desta concentração e não obtem outra resposta senão uma razão de ordem pública: «Quem poderá perturbar, neste momento, esta grave e indeciso, a ordem pública?»

Para o norte, a atitude de Gomes da Costa favorece a existência dos inúmeros boatos que andam inquietando Lisboa. Segundo o correspondente do *Correio da Manhã*—outro jornal conservador—o general Gomes da Costa declarou:

«Quem manda sou eu! Não aceitarei nenhum governo nomeado em Lisboa sem a minha presença.»

O mesmo general faz também uma forte concentração de tropas no Porto. Para que essa concentração? Diz-se que Gomes da Costa tenciona marchar sobre Lisboa à frente das divisões de Braga e Vila Real.

Notando-se a divergência entre Mendes Cabeçadas e Gomes da Costa, e entre diversos elementos militares, a inquietação de toda a gente justifica-se. A concentração de tropas em Lisboa vai coincidir com a marcha das divisões do norte sobre a capital.

Manda o general Gomes da Costa? Não, rém, o comandante Cabeçadas declarou seguinte:

«O general Gomes da Costa só entrou para a organização dois dias antes de partir para o cumprimento da missão que tão brilhantemente executou.»

Sente-se que o célebre general quer impor a sua ditadura, quer mandar se a luta que se vai travar é decisiva: ou



# OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

Entre os militares verificam-se duas correntes diversas: uma intolerante e facciosa, outra mais liberal e transigente com o espírito popular

## UMA NOMEAÇÃO ABSURDA

### O sr. Amaral, que serviu António Maria contra Cabeçadas, vai servir Cabeçadas contra António Maria?

Causou uma grande surpresa em toda a cidade a nomeação, embora a título provisório, do sr. Ferreira do Amaral para governador civil de Lisboa. Muita gente se negou a acreditar em tal nomeação, de tal modo ela era absurda e até atentatória do mais elementar bom senso, deixando em má situação moral o nomeado e os que o nomearam. Não houve, porém, remédio senão render-se todos à evidência.

O sr. Ferreira do Amaral foi, antes de tomar posse do lugar de comandante da polícia, um fascista—e um fascista entusiasta—chegando a ter entendimentos com vários admiradores da ditadura italiana para a publicação duma revista defendendo os criminosos métodos políticos de Mussolini. Para que essa revista saísse chegou a ser adquirida uma tipografia.

Quando do 13 de Abril, esperava toda a gente que o sr. Ferreira do Amaral, coerente com as suas ideias fascistas, iria para a tumba bater-se ao lado dos revoltosos, os companheiros de armas e seus correligionários de ideias. Tal não fez, tendo-se antes calado à disposição dum dos mais democráticos, dum dos mais democraticamente democráticos governos saídos do P. R. P.: o de Vitorino Guimarães. No 19 de Julho o sr. Mendes Cabeçadas foi vencido—e ao lado dos vencedores apareceu, servindo-o na medida das determinações que lhe deram, o sr. Ferreira do Amaral.

Agora dum movimento em que sai vencedor o sr. Mendes Cabeçadas aparece, nomeado governador civil, o sr. Ferreira do Amaral! Se o sr. António Maria da Silva tivesse triunfado o sr. Amaral estaria servindo-o, embora, como na malograda revolta do 19 de Julho, o sr. Mendes Cabeçadas entrasse vencido num presidio militar. Querem maior absurdo?

Há mais. A política de António Maria da Silva, política de força, de violência inhumana, política de crime e de ódio, encontrou na polícia uma encarnação torpe, uma servidão absoluta. António Maria foi essencialmente brutal e ilegal, arbitrário e perseguidor. E a polícia comandada pelo sr. Ferreira do Amaral foi a imagem e semelhança do destituido chefe do governo. Caido o presidente do ministério o sr. Amaral devia considerar-se atingido pela revolução e colocado na obrigação moral de recolher a penates. Afinal António Maria rola vencido e o sr. Amaral ascende a governador civil.

Dizem-nos que esta nomeação, filha dum capitulo de duma irreflexão depravável, explicáveis nestes momentos excepcionais, não se manterá. Assim acreditamos. Não se compreenderia que António Maria da Silva depois de derrubado ainda continuasse no governo civil, dispondo do mais alto cargo civil de Lisboa.

### Foram soltos os revolucionários radicais de Almada

Informam-nos que os elementos radicais que tomaram parte na revolta de Almada e que se encontravam presos nos Açores foram postos em liberdade. Os radicais de Lisboa, regosijados com o facto, vão reunir-se hoje, às 18 horas, na sede do Libertador, avenida Elias Garcia, para resolverem sobre a forma de presidiar aos seus correligionários soltos a devota homenagem.

### Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 4\$500. Encadernação (por capas e índice), 20\$00. Capas e índice em separado, 1\$300. Pedidos de coleções, ou envio desta obra, encadernação, a administração de A Batalha.

ará uma situação legal, ou será implantada o vultoso despotismo dum general. Tendo-se em grando uma odiosa ditadura, teremos abraçada sobre nós uma ditadura odiosa, fadada a diferença verificar-se há na opressão que vai ser exercida sobre uma população a interesses e ambições de políticos e políticos militares e civis.

## Um manifesto da União Anarquista Portuguesa

O comité nacional da União Anarquista Portuguesa fez ontem distribuir um vibrante manifesto do qual extraímos os seguintes períodos:

«Perante o actual triunfo militar não podemos, nós anarquistas, deixar de vir exteriorizar bem publicamente e desde já o nosso pensamento indignado. O povo português acaba de assistir por todas as terras do país à eclosão dum movimento que vem de ser alimentado carinhosamente por todos os políticos, por todos os exploradores, porquanto é para todos eles a satisfação da garantia das suas iniquidades sobre os sofrimentos de todo um povo.

Para fazer a sua revolução, como preâmbulo da qual dizem que «a única força organizada capaz de dirigir o País» é a organização militar, os revolucionários burgueses e militaristas veem especulando ignobilmente com os sentimentos liberais da massa popular. Nós somos contra todos os governos, porque entendemos que representam todos uma casta opressora, a casta capitalista, autoritária, que é, sem distinção de credos políticos ou religiosos, sempre a mesma: vibora sedenta de sangue dos produtores, expoliados e oprimidos.

Por isso compreendemos, e desejamos que o povo compreenda, que a substituição desse criminoso político António Maria da Silva, porta-voz duma ditadura civil, por um governo militar como o que ora vem de ser proclamado por todas as vozes da Reação, não representa nem pode representar nunca, uma salvação para o Povo, para a massa trabalhadora.

A Ditadura Militar está lançada. Negros dias estão marcados para o povo que vai principiar a provar os frutos venenosos do Fascismo ora iniciado. O povo não deve deixar-se levar pelas falsas informações da imprensa burguesa e dos políticos desonestos e trapaceiros.

Dum lado estão colocados numa singular concordância todos os políticos, desde os mais radicais aos mais conservadores. E então teremos em breve realizado o sonho de todos eles: a pena de morte, a imprensa livre amordaçada, as associações encerradas, as prisões em massa e as deportações por sistema. Poderão de princípio acenar ao povo com reformas enganadoras.

Perante a espada, perante o nude militarismo, desonra da nossa época, da verdadeira civilização, não pode partir do lado do proletariado, do lado dos verdadeiros revolucionários, outra atitude que não seja de absoluta transigência, de completa hostilidade, até à luta sem quartel contra a burguesia autoritária-capitalista.

O proletariado não pode esperar do militarismo a salvação do Estado burguês comprometido, descredito, pela acção desse político reles, bêbado e jogador incorrigível que se chama António Maria da Silva.

## Uma significativa carta do comandante Procópio de Freitas

Ao presidente da República foi enviada pelo comandante das forças, do mar sr. Procópio de Freitas a carta que a seguir nos permitimos transcrever:

Senhor Presidente da República: Entendi que era meu dever intervir nos acontecimentos, quando assumiam tal gravidade que a segurança da República e o futuro do País poderiam ser por eles comprometidos.

Fui investido pelas circunstâncias no comando das Forças de Mar. Exercii esse comando em nome da Junta Revolucionária, empossado pelo «Comité».

Neste momento me procura o comandante José Mendes Cabeçadas Júnior, participando-me que foi encarregado por Vossa Excelência de presidir ao novo ministério. Pela confiança que depositou no comandante Cabeçadas imediatamente dou por finda a minha missão, abandonando por isso o Ministério da Marinha, que ocupava e onde me conservarei até esta hora.

Não o quero fazer, porém, sem significar ao Presidente da República, como comandante das Forças de Mar, que a Marinha de Guerra Portuguesa não aceitará a formação dum Governo Militar, e que só a constituição dum Governo Nacional que Vossa Excelência sancione dará satisfação aos seus votos. O Exército de Terra e Mar não pode ter recorrido às armas se não para estabelecer a normalidade alterada pelo predomínio oligárquico dum partido e para assegurar o prestígio das instituições pela moralidade no governo e pela regularidade da vida parlamentar. Substituir uma oligarquia política por uma oligarquia militar não será substituição vantajosa para a nação. E só a esta e à República servirá a Marinha de Guerra Portuguesa.

Acite. Senhor Presidente, os meus sinceros votos pelas prosperidades da Pátria e pela saúde de Vossa Excelência. Lisboa, às 16 horas do dia 30 de maio de 1926.

(a) César Procópio de Freitas

Comandante das Forças de Mar.

## A atitude da «Seara Nova»

O grupo da «Seara Nova» fez distribuir uma comunicação, que termina do seguinte modo:

«Como afirmação de princípios, a «Seara Nova» declara: Que apoiará um governo excepcional com liberdade de acção, composto de competências o qual tenha por objecto realizar as reformas essenciais, estabelecer a moralidade administrativa e fazer uma obra de educação cívica, a fim de preparar a possibilidade de um insólito regime de instituições democráticas, adaptadas às necessidades do nosso tempo;

Que reprovava um governo com tendência a firmar um regime anti-liberal e o predomínio dum classe, e a não respeitar a liberdade de consciência sob todas as suas formas».

## Ouvindo o sr. dr. José Domingues dos Santos

Os acontecimentos modificam-se com uma rapidez cinematográfica, o que torna necessário, quando se trata de colher impressões ou de fixar opiniões, indicar com a maior exactidão o dia e a hora em que elas foram obtidas.

O sr. dr. José Domingues dos Santos encontrava-se ontem de tarde com o sr. dr. Pestana Júnior e outros correligionários conversando animadamente no passeio fronte ao do Café Itália, na rua 1.ª de Dezembro. Declinámos a nossa identidade de maneira a não deixar dúvidas e depois desfechámos-lhe a interrogação que neste momento anda nos lábios de toda a população da cidade:

—Há o risco iminente duma ditadura?

A resposta foi tão sintética como a pergunta:

—O que sei leva-me a crer que não haverá ditadura.

—Mas se a ditadura se tornar uma ameaça definida?

—Nós, isto é os meus correligionários, somos contra todas as ditaduras. O povo é também contra todas as ditaduras. A corrente contrária não tem por seu lado nem a opinião, nem o ambiente.

Nisto se resumiu a rápida conversa que tivemos com o «leader» da Esquerda Democrática. Não sabemos, porém, se a esta hora aquele político pensará assim, se estará tão embebido de optimismo a esta hora. Por isso acentuamos o dia e a hora em que estas declarações nos foram feitas.

## Uma manifestação da Academia de Coimbra

COIMBRA, 31. —A academia promoveu ontem uma manifestação de apoio ao movimento revolucionário, a qual saiu da Associação Académica em direcção ao quartel general. Usaram da palavra o major Figueira, que agradeceu a manifestação e o académico Falcão. Seguiram depois para a baixa, onde à porta da Câmara Municipal falou novamente o académico Falcão. Milhares de pessoas aplaudiram a iniciativa da academia, saltando vivas entusiásticas. Os manifestantes dirigiram-se depois ao quartel de Santa Clara, onde estão concentradas as forças revolucionárias.

O coronel sr. Pais Mamede, comandante do 35, agradeceu a manifestação da academia.

Os manifestantes, em grande numero, continuaram com vivas à República, e ao general Gomes da Costa, indo esperar a artilharia da Figueira da Foz, que chegou a Coimbra às 10,30. Há completo socego.

## Foi dissolvida a Junta Militar de Lisboa

Depois de uma breve conferência com o comandante Mendes Cabeçadas, a Junta Militar de Lisboa enviou à imprensa o comunicado que segue e no qual notifica a sua dissolução:

«A Junta Militar Revolucionária de Lisboa, depois de ter conferenciado com s. ex.ª o sr. comandante Mendes Cabeçadas, que acaba de ser encarregado por s. ex.ª o sr. Presidente da República de organizar um ministério com as características que esta Junta patrocinava, resolveu dar por findos os seus trabalhos e passaram às unidades desta divisão, que apoiavam o movimento nacional que teve eclosão no norte do país, e, integrada a nos altos interesses da Pátria e da República, cooperarem na manutenção da ordem e obedecerem somente às ordens dadas por s. ex.ª o comandante da 1.ª Divisão do Exército».

## A paralisação dos serviços ferroviários do Sul e Sueste é completa

Prossegue em toda a linha o movimento grevista dos ferroviários do Sul e Sueste. A paralisação dos serviços é completa. O pessoal encontra-se nos seus postos. Só se forão comboios para a condução de tropas revoltosas.

Falando hoje com um elemento ferroviário soubemos que a greve só terminará quando forem atendidas as reclamações de numerosa classe, reclamações que consistem no respeito ao disposto no decreto 5.665.

Os ferroviários do Sul e Sueste reclamam também que sejam destituídos dos seus cargos Plínio da Silva, director dos caminhos de ferro do Sul e Sueste; e Pinto Teixeira, administrador geral dos caminhos de ferro do Estado.

## Procurando conseguir o predomínio militar

A situação política actual oferece-nos alguns aspectos muito interessantes.

O elemento militar obstina-se em conseguir o seu predomínio na vida política do país.

Para o conseguir todos os recursos são aproveitados, mesmo que sejam inverosímeis.

Ainda no domingo o capitão J. Baptista, nesse sentido, fez expedir o seguinte rádio às aviações de Sintra e Amadora e a todos os postos rádio-telegráficos militares:

«Parte da guarnição de Lisboa organizou um comité e quer empalmar situação a favor de Alvaro de Castro e José Domingues dos Santos».

Marche a coluna de que fazem parte sobre Lisboa e ocupe Belem, evitando imposições ao presidente da República. Uma parte da guarnição de Lisboa procura impor a rendição a algumas forças de Lisboa que estavam ao nosso lado. É urgente a marcha sobre Lisboa».

## O general Alves Pedrosa reclama em nome da 7.ª divisão a implantação duma ditadura

O general Alves Pedrosa, que não teve neste movimento uma atitude decisiva visto que a 7.ª divisão, que ele comanda, não realizou nenhuma acção hostil contra o governo do odioso António Maria da Silva, enviou ao Presidente da República o seguinte rádio:

«Comunico a V. Ex.ª que a 7.ª divisão do meu comando só aceita uma situação militar proveniente das intenções deste movimento. —Pedrosa, general».

O sr. Alves Pedrosa, que se não bateu, impõe-se agora desta forma insolita. Não desembainhou a sua espada contra o governo deposto mas pretende agora, com ferir a população, atingindo-a nos seus direitos, nas suas regalias e nas suas liberdades.

O sr. general supõe que o país pode vir a ser o prolongamento da caserna e acha possível que a população possa trabalhar e viver ao toque dum cornetim e ao toque dum tambor. A vida civil não pode ser regulamentada pelo código militar, nem a população pode viver com as baionetas apontadas ao peito. Um operário, um civil, não pode viver na obediência passiva como um galucho, e a caserna feita para dirigir a vida colectiva.

A ditadura militar criaria em todo o país um ambiente irrespirável. Devido a isso ela não tem na opinião pública uma corrente favorável, digna de ser considerada a sério. Pela ditadura são apenas, neste país, excepção feita a um numero insignificante de maniacos, um grupinho pequenino, ridiculo de filósofos de lava, e algumas vozes macias e femininas, a Cruzada Nun'Alvares, que são secundados por alguns reacçãoários de salão e algumas damas galantes e bem vestidas. António Maria da Silva encaixa exactamente por ter exercido, embora com o disfarce do parlamento, uma ditadura prolongada e aviltante. De resto todas as ditaduras têm rolado em Portugal ou no sangue ou na lama. Basta recordar a de João Franco que deu a tragédia do Terreiro do Paço e a de Sidónio Pais que deu a tragédia da estação do Rossio.

É conveniente para o general Alves Pedrosa a recordação destas violentas e duras lições. Talvez que as elas lhe tivessem passado na mente o sr. general não tivesse redigido o seu telegrama que é além dum insulto à consciência popular uma ameaça de gravíssimas consequências.

«Renovação» cujo sumário é o seguinte: A ideia evolutiva da Justiça, por Ferreira de Castro. As falsas divindades, por Eugénio Navarro. A cura da tuberculose, por Alfredo Marques. Como transformar a escola, por Alberto de Magalhães. O barbarismo da idade média. O culto do amor nas plantas, por Ladislau Batalha. O ferreiro (soneto), por Bento Faria. Carroças de mão. Vida de esplendor e vida de miséria, por F. de C. Nem ao menos come (conto), por Eduardo Frias. O mundo curioso.

## É HOJE POSTO À VENDA mais um número da esplêndida revista quinzenal

«RENOVAÇÃO»

cujo sumário é o seguinte:

A ideia evolutiva da Justiça, por Ferreira de Castro. As falsas divindades, por Eugénio Navarro. A cura da tuberculose, por Alfredo Marques. Como transformar a escola, por Alberto de Magalhães. O barbarismo da idade média. O culto do amor nas plantas, por Ladislau Batalha. O ferreiro (soneto), por Bento Faria. Carroças de mão. Vida de esplendor e vida de miséria, por F. de C. Nem ao menos come (conto), por Eduardo Frias. O mundo curioso.

«Renovação» inserir muitas gravuras e uma esplêndida reportagem gráfica da Semana da Criança

## Serviço de livreria de A BATALHA

### FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja	1\$00
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	\$50
José Prat — A burguezia e o proletariado	\$50
A necessidade da Associação	\$50
Content — Contra o confusãoismo	\$30
Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)	\$50
Landauer — Social Democracia	\$30
R. Mola — O principio do fim	\$30
A maçonaria e o proletariado	\$30
J. Most — Peste religiosa	\$50
Rio	1\$00
J. Trovas da noite	\$50
Definições sociais	1\$00
O Cavador (teatro)	\$50
Flores anarquistas (versos)	\$50
— Carnet de Pensamento	\$20
I. Bakunin — No sentido em que somos anarquistas	\$50
Chueca — Como não ser anarquista	\$50
B. Lazare — A Liberdade	\$50
J. Elzevans — A minha defesa	\$50
Kropotkin	\$50
A sociedade	\$50
Os bastiões da guerra	\$30
Moral anarquista	\$50
O espírito revolucionário	\$50
J. Guedes — Lei dos Salários	\$50
Briand — A greve geral	\$50
Roland — Rússia Nova	\$50
— O sindicalismo e os intelectuais	\$50
D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário	\$50
A. Hamon — A crise do socialismo	1\$00
J. Santos — A transformação da sociedade	\$50
Neno Vasco	\$30
Georgias	\$30
Greve de inquilinos, teatro	1\$00
Domela — Pátria e Humanidade	\$30
— Proletariado Histórico	\$30
G. Archinoet — A Revolução e o Socialismo	\$50
Carlos Rates — Aditadura do proletariado	1\$00
Emílio Chapellier — Porque não creio em Deus	1\$00
N. Lenin — A luta pelo pão	\$50
Rodolfo Rocker — O sindicalismo revol. e a organização operária	1\$00
Trotsky — Constituição política da República dos Soviéticos	\$50
G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermelha	\$50
C. de G. O. N. M. — Proclamação consciente	\$50
José Terralvo — La Revolution	1\$50
Leão O. Zeno — Problemas universitários	2\$00
La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura. Cada número	2\$00

## OS MISTERIOS DO POVO

(Em publicação)

Grande Romance histórico desde as primeiras idades à Revolução Francesa

— POR —

EUGENE SUE

Constituindo uma optima coleção dos grandes acontecimentos da humanidade, dividida em períodos históricos distintos, em volumes profusamente ilustrados e artisticamente encadernados.

I — O Carro da Morte	VII — A Jacquerie
II — O Carpeinteiro da Nazaré	VIII — Joana de Arc
III — A Mãe dos Acampamentos	IX — Os Jesuítas
IV — Ronan, o Vagabundo	X — Os Vingadores de Isabel
V — As Filhas de Carlos Magno	XI — A Revolta dos Camponeses
VI — As Cruzadas	XII — A Revolução Francesa

já se encontram publicados até ao IX volume e encadernados até ao IV

PREÇO DE ASSINATURA:

Em séries de 10 tomos a 32 páginas	
Cada série	5\$00
à cobrança, pelo correio	6\$00
Volumes encadernados, cada	10\$00
à cobrança, pelo correio	11\$00

Capas soltas e respectiva encadernação, cada volume 4\$00

Pedidos à Administração de A Batalha

## Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 1\$500.

Alguns camaradas que desejem adquirir este interessante semanário podem dirigir-se a nossa administração.

## «Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia. Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA. Publicação mensal.

Redacção e administração — Empresa Literária Flaminense, Limit.ª — R. dos Trozeiros, 125 — LISBOA.

«A venda na administração de A Batalha».

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

## O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

## A Revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkentof. Preço 1\$50.

## Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

## Serviço de livreria de A BATALHA

### Livros em Esperanto

Romance original de Mérimée, tradução de Sam. Meyer. 1 volume de 56 páginas	6\$00
Tradução do original polaco de Nierozewski por B. Kuhl, com um prefácio de Antoni Grabowski. 1 volume	5\$00
Selos de propaganda esperanta	
Muito artísticos, a oito cores e oito motivos, os nossos principais monumentos, nitidamente impressos. Cada coleção de oito Colados em album com o retrato de Zamenhof com legenda	\$25
Solo em português e esperanto	\$50
Monólogo de Paul Billand, tradução de Fernando Doré. 1 volume de 12 páginas	1\$75
Stranga Heredado	
Mais um original de Layden, o feliz autor do Mirinda Amo. Romance interessante, aconselhado pela crítica. 1 volume	1\$700
Vade Mecum de Internacia Farmacio Por C. Rousseau. 1 volume de 288 páginas	30\$00
Vintraj Fabeloj	
De diversos autores, recomendado pela Esperanta Literatura Asocio La Vangirapo	5\$00
Comédia em 1 acto por Abraham Dreyfus, tradução de S. Sa. 1 volume de 52 páginas	4\$00
Vivo de Zamenhof	
A vida do autor da lingua, com excelentes gravuras, edição de luxo. 1 volume de 109 páginas	26\$50
Voiago Interno de Mia Cambró	
Romance de Maistre, traduzido por S. Meyer. 1 volume	4\$00
Vortaro Kabe	
Espléndido dicionário, só em Esperanto, mas compreensível e remediando a falta do dicionário esperanto-português. Aconselha-se a sua aquisição. Este dicionário, com a Krestomatio, curso elemental e Bildotabulo, faz parte da primeira bagagem do principiante. 1 volume encadernado	12\$00

## Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Máro Domingues, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença Portuguesa», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.